

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

MATHEUS VINÍCIUS FERREIRA REIS

O TOQUE DO ADJÁ

Crônicas sobre experiências e reflexões dentro de um Ilê Axé

Mariana
2024

MATHEUS VINÍCIUS FERREIRA REIS

O TOQUE DO ADJÁ

Crônicas sobre experiências e reflexões dentro de um Ilê Axé

Memorial Descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Profa. Agnes Francine de Carvalho Mariano

MARIANA

2023

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

R375t Reis, Matheus Vinícius Ferreira.
O toque do Adjá [manuscrito]: crônicas sobre experiências e reflexões dentro de um Ilê Axé. / Matheus Vinícius Ferreira Reis. - 2024.
52 f.

Orientadora: Profa. Dra. Agnes Francine de Carvalho Mariano.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Candomblé. 2. Crônicas. 3. Discussões e debates. 4. Jornalismo. 5. Umbanda. I. Mariano, Agnes Francine de Carvalho. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 070.4

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - SIAPE: 0.980.794



FOLHA DE APROVAÇÃO

Matheus Vinícius Ferreira Reis

O toque do adjá: crônicas sobre experiências e reflexões dentro de um Ilê Axé

Produto jornalístico apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo

Aprovada em 20 de fevereiro de 2024

Membros da banca

Doutora Agnes Francine de Carvalho Mariano - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Doutor Ricardo Augusto Silveira Orlando - (Universidade Federal de Ouro Preto)
Mestra Sandra Rita de Cássia Roza

Agnes Francine de Carvalho Mariano, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 21/02/2024



Documento assinado eletronicamente por **Agnes Francine de Carvalho Mariano, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/02/2024, às 17:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0671756** e o código CRC **C28EEA24**.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos aqueles que vieram antes de mim e, abrindo caminhos com muita luta, possibilitaram que eu desfrutasse de privilégios como estar em um curso superior, além de exercer minha religiosidade com mais liberdade do que eles próprios puderam. Dedico também a todas as pessoas que ainda resistem e lutam pelo direito de cultuar seu sagrado. Aos descendentes, que nunca se esqueçam de suas origens e possam levar a história de suas comunidades ao conhecimento de mais e mais pessoas, provocando reflexões e construindo novos caminhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus orixás e guias que, antes de eu os conhecer já agiam em minha vida, me protegendo e guiando meus passos. Por terem me dado forças para concluir mais uma etapa da minha vida.

À minha avó, Maria Célia, um agradecimento especial por sempre ter acreditado em mim e apoiado as minhas decisões e por ser a minha ancestral em vida que tanto me ensina. Meu muito obrigado a essa mulher que me amparou como uma mãe e representa força, sensatez e nunca deixou de estender as mãos a quem precisa de seus esforços.

À minha mãe carnal, Daniela Ferreira, por não ter desistido de mim e, mesmo diante das dificuldades, se mostra firme em seu propósito de espalhar amor e carinho aos seus filhos.

Ao meu pai, Marcus de Matos, por ter me ensinado que o acolhimento é a maior prova de humanidade.

Aos meus irmãos, Thaís de Matos, Miguel de Matos e Alice de Matos, e meu primo Hugo Goulart, por me ensinarem todos os dias o que é o amor e como o aprendizado é um esforço mútuo.

Não poderia deixar de citar cada membro da minha família que de diversas formas me ajudaram a chegar até aqui. À Joelma Ferreira, Cássio Ferreira, Giselda Ferreira (mamãe Zelda), Cláudio Ferreira, Daniel Ferreira, Eva da Conceição, Júlio de Matos, Fernanda de Matos e César de Matos, obrigado por todos os esforços para que meu sonho fosse realizado.

Agradeço à Universidade Federal de Ouro Preto pelo ensino de qualidade e gratuito. A todos que estiveram presentes em meu percurso acadêmico direta ou indiretamente, professores, técnicos, funcionários, eu agradeço por possibilitarem que a Universidade seja um espaço efetivo de aprendizado.

Um agradecimento especial para minha orientadora, Agnes Mariano, que não apenas desempenhou seu trabalho de transmitir conhecimento, mas foi suporte e conselheira nos momentos que nem mesmo eu acreditava ser capaz. Obrigado por insistir em formar profissionais éticos e fazer com que eu acreditasse em mim mesmo.

Agradeço à minha yalorixá, Cíntia Tito, que ao atender o chamado da espiritualidade cuida e direciona vidas para o caminho do bem. Obrigado também por contribuir

com seus ensinamentos, parte indispensável para o resultado final deste trabalho. A partir dela, estendo meus agradecimentos a todos meus irmãos de santo que compartilham comigo o solo e saberes sagrados, em especial a yabassé Anamar Tito.

Por fim, agradeço a todos os meus amigos que estiveram comigo durante este percurso e seguraram minhas mãos em momentos de aflição. Obrigado Ariele Soares, Débora Soares, Gabriela Viana, Júlio Goulart, Hellen Luíza, Milena Amarante, Lucas Aredes, Natália Silva, Larissa Santos, Analice Marques, Matheus Filaretti, Luan Michetti, Maria Eduarda Valgas e Alisson Oliveira.

RESUMO

O seguinte memorial registra a criação do produto jornalístico “O Toque do Adjá”, que consiste em um conjunto de crônicas sobre as belezas presentes na vivência de um terreiro de candomblé e umbanda, disponibilizadas em um site (otoquedoajda.wordpress.com). Primeiro, discutiremos sobre o nascimento do jornalismo, suas transformações ao longo do tempo e os diversos gêneros presentes no jornalismo. Destacaremos o opinativo e a crônica, gênero utilizado na criação do projeto, analisando seu surgimento, características e as formas de divulgação no jornalismo. Também apresentaremos exemplos de cronistas para melhor ilustrar as discussões teóricas. Adiante, falaremos sobre o tema escolhido, evidenciando rotinas e rituais presentes no candomblé e umbanda, bem como a importância da visibilidade de tradições de matriz africana e as diferenças existentes dentro do culto. Por fim, debruçamo-nos sobre a criação de um site na plataforma Wordpress para a veiculação das crônicas, na intenção de criar um espaço acessível de divulgação. As crônicas contam sobre a rotina de um terreiro de candomblé/umbanda, expondo experiências com os adeptos, divindades e entidades.

Palavras-chave: Candomblé, umbanda, jornalismo, gênero opinativo, crônica.

ABSTRACT

The following memorandum records the creation of the journalistic product "O Toque do Adjá," which consists of a set of chronicles about the beauties present in the experience of a Candomblé and Umbanda terreiro, available on a website (otoquedoadja.wordpress.com). First, we will discuss the birth of journalism, its transformations over time, and the various genres present in journalism. We will highlight the opinionated and the chronicle, the genre used in the project's creation, analyzing its emergence, characteristics, and forms of dissemination in journalism. We will also present examples of chroniclers to better illustrate the theoretical discussions. Furthermore, we will talk about the chosen theme, highlighting routines and rituals present in Candomblé and Umbanda, as well as the importance of the visibility of African-derived traditions and the differences within the cult. Finally, we delve into the creation of a website on the WordPress platform for the publication of the chronicles, with the intention of creating an accessible space for dissemination. The chronicles recount the routine of a Candomblé/Umbanda terreiro, exposing experiences with practitioners, deities, and entities.

Keywords: Candomblé, umbanda, journalism, opinionated gender, chronicle.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1 - GÊNERO OPINATIVO E A RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA	11
1.1 Gênero opinativo e o lugar da crônica	12
1.2 Tema	17
CAPÍTULO 2 - Projeto O Toque do Adjá	23
2.1 Elaboração do produto	26
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
4 . REFERÊNCIAS	31
APÊNDICE A - Texto 1	33
APÊNDICE B -Texto 2	36
APÊNDICE C -Texto 3	39
APÊNDICE D -Texto 4	42
APÊNDICE E - Texto 5	45
APÊNDICE F - Texto 6	48
GLOSSÁRIO	51

INTRODUÇÃO

A cultura presente dentro dos terreiros de candomblé e umbanda é sem dúvidas muito rica, além de ser também bastante antiga. Porém, assim como toda a cultura trazida da África para o Brasil a partir da escravização, sofreu e ainda sofre com represálias e o preconceito daqueles que não conhecem as tradições e têm os olhos vendados pelo racismo estrutural e estruturante.

Neste memorial, busco ir ao encontro dessas raízes que, de alguma forma, me resgataram e me levaram para dentro do congá¹. Ao pesquisar sobre as diferenças, cotidiano e modos de se fazer o candomblé, bem como os traços e personalidades das entidades da umbanda, pretendo dar visibilidade a essa cultura que é pouco exibida e falada nas mídias tradicionais. Mesmo nos veículos mais segmentados e não hegemônicos, é pequeno o espaço e, nas vezes em que são tratados assuntos relacionados às religiões de matriz africana, quando são, em sua maioria, é para mostrar os ataques que terreiros sofrem cotidianamente.

Por mais que expor as agressões seja importante, penso que na mesma medida ou mais, é considerável que a beleza, diversidade e riqueza sejam salientadas e cheguem ao conhecimento do público. Assim, cria-se possibilidades de romper com as visões etnocêntricas na qual o culto está submetido e aproxima as pessoas de uma cultura que traz para seus adeptos diversos benefícios.

Estando numa posição de abian, ou seja, filho de um terreiro de candomblé ainda não iniciado para orixá, do Ilê Asé T'Naná, uso como base as minhas experiências e observações desde visitante, quando fazia parte da assistência, que são pessoas que vão ao terreiro em busca de ajuda e acolhimento. Esse contato direto com a religião possibilita que eu converse com as pessoas mais velhas e as que chegaram há pouco em busca de informações e percepções diversas sobre o que é fazer candomblé, além de contar com uma vasta observação do que acontece de fora para dentro do culto. Dentro do terreiro, várias experiências se cruzam e são compartilhadas, às vezes sem precisar que sejam ditas ou ensinadas. Aprendemos, por exemplo, ao observar a maneira como um mais velho bate cabeça² para o solo sagrado.

¹ Palavra que define o altar nos terreiros de candomblé e umbanda onde são colocadas as imagens dos orixás e entidades.

² Bater cabeça é um ato de saudação, respeito, humildade e obediência ao sagrado.

A produção de crônicas sobre a religiosidade afro-brasileira, além de me dar a oportunidade de adentrar ainda mais na religião, tem como efeito a publicização de um assunto que é pouco falado e, quando dito, de formas negativas. A relevância em trazer um debate sobre o que acontece dentro de um terreiro tem o poder de contradizer o hábito enraizado na sociedade que menospreza e demoniza aquilo que não conhecem, calcados em aprendizados controversos e colonizadores. Além disso, vivemos um momento em que a cultura negra está cada vez mais reconquistando os seus espaços, mostrando suas artes e formas de viver.

CAPÍTULO 1
GÊNERO OPINATIVO E A RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA

Este capítulo se divide em duas seções. Na primeira, iremos abordar o nascimento do jornalismo e a quem ele servia. Falaremos também sobre aspectos do trabalho jornalístico e como a profissão foi se transformando para chegar ao que é hoje. Depois partimos para uma discussão sobre gêneros. Aqui, discutimos brevemente os vários tipos de gêneros jornalísticos e suas respectivas funções. A maneira como são classificados, semelhanças e diferenças entre si e como se constituem a partir de interações sociais. Destacamos o opinativo, suas características e formatos, por sua vinculação com este trabalho. Por último, falaremos sobre a crônica. O seu surgimento, questões etimológicas, os fins para a qual era usada no passado, o que se espera desse gênero textual e quais as suas características. Por último, apresentaremos exemplos de cronistas.

Na segunda seção do capítulo, falaremos sobre o candomblé e a umbanda, assunto que será tratado nas crônicas que irão compor o produto a ser apresentado. Pontos como as rotinas e rituais dentro de um terreiro; a importância da visibilidade para as tradições afro-brasileiras e as diferenças existentes dentro do próprio culto serão primordiais para entender a escolha deste tema. Autores como Reginaldo Prandi e Océlio Lima de Oliveira serão importantes para traçar o que já conseguimos, enquanto sociedade, somar através da escrita com a oralidade presente na religião. Além disso, irei incorporar ao debate as minhas experiências pessoais enquanto adepto do candomblé e umbanda e observador do cotidiano de um terreiro.

1.1 Gênero opinativo e o lugar da crônica

O jornalismo articula-se em dois principais núcleos de interesse: a informação, que busca saber o que se passa e a opinião, ligada a saber o que se passa sobre o que se passa (Melo, 1994, p. 63 apud Neiva, 2006, p. 124). A informação nasce a partir do relato de fatos novos apresentados após um processo de apuração e checagem desses fatos. Na apuração são feitas entrevistas (citadas de forma direta e entre aspas), confronto de ideias e dados, visitas a locais dos acontecimentos, notas oficiais e fotografias que auxiliam na ilustração e construção de sentidos do ocorrido. Faz parte também do trabalho jornalístico a seleção, entre todos os dados obtidos, das partes mais "importantes" ou aquilo que o jornalista e os editores entendem como mais interessante. Assim, o produto final se apresenta

ao leitor com a intenção de que esteja incluindo diferentes pontos de vista ligados a leituras de mundo e diferentes grupos sócio-culturais. Mesmo assim, todo esse processo, em particular o de edição e escolha do que sai ou fica no trabalho final, denota a opinião dos profissionais envolvidos.

A opinião participa do jornalismo desde o seu começo. Os primeiros jornais eram publicações dedicadas à classe burguesa e aos aristocratas, nas quais eram divulgadas suas ideias, festas da corte, como casamentos e viagens de príncipes (Lage, 2001, p. 3). Em seus momentos iniciais, os jornais publicavam fatos de interesse comercial e político com destaque para falas parlamentares, religiosas e eruditas. A população não tinha acesso a essas leituras, dirigidas principalmente a um público-alvo formado por funcionários públicos, comerciantes e auxiliares imediatos da alta sociedade.

A narrativa surgia às vezes - tanto de acontecimentos reais quanto de eventos fictícios ou alegóricos - e os registros menores lembram o tom seco dos enunciados informativos conhecidos na época (anais, atas, relatórios, as relações de episódios listados em ordem cronológica que tinham o nome de crônicas), mas a linguagem dominante ficava entre a fala parlamentar, a análise erudita e o sermão religioso. (Lage, 2001, p. 4).

A Europa do século XIX mudou a maneira como funcionava o jornalismo até então. Com a Revolução Industrial, a necessidade de melhor qualificação para o trabalho, a queda do sistema feudal e, conseqüentemente, o fim da guerra de opinião e interesses entre burguesia e aristocracia, multiplicaram as tiragens dos jornais e modificaram o estilo das publicações. A mecanização aumentou os custos de produção e trouxe para junto da imprensa o mercado publicitário, que por sua vez trouxe em sua bagagem a luta entre gêneros distintos que começaram a compor as páginas dos jornais (Lage, 2001, p. 4-5).

Para José Marques de Melo (2009, p. 35 apud Melo; Assis, 2016, p. 41), o campo da comunicação se constitui por conjuntos processuais que se agrupam e se dividem formando assim unidades de mensagens, categorias que delimitam espaços e formas do texto se apresentar ao leitor. Dentro desses conjuntos encontramos diversas nomenclaturas para definir o que representa os textos que escrevemos e lemos em diversos veículos.

Cada gênero (informativo, opinativo, interpretativo, etc.) abriga diferentes formatos textuais. José Marques de Melo os classifica da seguinte maneira: gênero

informativo (nota, notícia, reportagem, entrevista); gênero opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, caricatura, carta, crônica); gênero interpretativo (análise, perfil, enquete, cronologia, dossiê); gênero diversional (história de interesse humano, história colorida); gênero utilitário (indicador, cotação, roteiro, serviço). (Melo, 2009, p. 35 apud Melo; Assis, 2016, p. 50-51). Apesar de abrigar semelhanças entre si, cada gênero atende a funções distintas com o intuito de se comunicar com leitores que “cobram, em alguns casos, essa diversidade de formas, pois delas dependem para o seu agir no meio social” (Melo; Assis, 2016, p. 47). Enquanto o informativo cumpre a função de vigilância social, o interpretativo de papel educativo e esclarecedor, o diversional de distração e lazer e o utilitário de auxílio nas tomadas de decisões cotidianas, o opinativo age como fórum de ideias. É também através da expectativa do público ou de uma observação das mudanças e interações sociais que se apreende a constituição dos gêneros. (Rodrigues, 2005, p. 164 apud Seixas, 2009, p. 29-30).

Se observarmos a evolução dessas classes, a começar pelos gêneros hegemônicos - o informativo (surgido no séc 17) e o opinativo (18) -, e a eles acrescentando os complementares - interpretativo, diversional e utilitário, que se legitimam no século 20 (MARQUES DE MELO, 2010) -, veremos que seu surgimento e/ou sua consolidação são sempre respostas às demandas sociais, muitas das quais evidenciadas em momentos históricos datados, especialmente em períodos de crise ou de profundas transformações (ASSIS, 2010). Jornalismo e sociedade passam por processos evolutivos concomitantes. (Melo; Assis, 2016, p. 50).

Cada campo de estudo vai classificar os gêneros de maneiras mais ou menos diferentes. Para Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1999, p. 980 apud Melo; Assis, 2016, p. 43), a palavra gênero pode ser identificada em três significados correntes. O primeiro de ordem biológica, em que os agrupamentos são constituídos de indivíduos, objetos, fatos e ideias em comum. A esse ele chama de estrutura. O segundo, chamado de forma, contempla fatores estáticos compreendendo maneira, modo e estilo. No terceiro caso, o autor configura o significado como tecnológico, denominando-o de conteúdo e abrangendo classe ou categoria de assunto abordado ou de técnica utilizada. Para Bakhtin (1986, p. 60 apud Melo; Assis, 2016, p. 43), estudioso ligado ao campo da linguagem, os gêneros são determinados através de fatores estilísticos e orgânicos. “Enquanto os primeiros representam formas de expressão - sejam individuais ou coletivas -, os

segundos se caracterizam pela “adequação funcional às diferentes esferas da atividade humana” (Bakhtin, 1986, p. 60 apud Melo; Assis, 2016, p. 43). Para Luiz Beltrão, citado por Pedro Celso Campos (2002, p. 4), é a opinião que engrandece o jornal, se expressa de forma honesta e na intenção de orientar o leitor. Para Celso Campos, interpretar faz parte da contextualização, com a finalidade de tornar a informação mais explícita, enquanto opinar é emitir um ponto de vista a respeito da informação. Ele designa ainda a qual gênero pertence cada pergunta do lead: o Que, Quem e Quando sendo parte do informativo e Como e Por quê do interpretativo e opinativo “pois se trata de argumentar para chegar a uma conclusão lógica.” (Campos, 2002, p. 6).

Originária do grego *khronos* (tempo), depois *chronikós* (relacionado ao tempo), passando pelo latim *chronica*, esse gênero se consolidou por volta do século XIX como forma de registro de acontecimentos históricos contados em sequência cronológica sem aprofundamento ou interpretação dos fatos. Gênero antigo, que remonta à Idade Média, usado para registrar os principais acontecimentos e feitos dos reis e imperadores em Portugal, a crônica passou por transformações e adaptações com o passar do tempo. Naquela época, sua função era relatar sem aprofundamento, opinião ou reflexão. Os escritos de Pero Vaz de Caminha no Brasil de 1500 foram um marco para o gênero na literatura ao registrar tudo que encontrou quando desembarcou no continente. Essa observação direta e transformação dos fatos em algo concreto assegura que a crônica não caia no esquecimento e ganhe perante o leitor a concretude necessária para lembrar “aos leitores que a realidade é feita de pequenos momentos, seja ela de acordo com o que conhecemos ou como ela foi recriada por meio da arte” (Bibiano, 2022, p. 12). Sua forma de abordar o cotidiano, em tom intimista, conciso e breve ganha o leitor a partir da identificação com o cotidiano vivido. Assim, mesmo que esteja presente na literatura, ganhou espaço e características jornalísticas.

Escrevendo como quem conversa com seus leitores, como se estivessem muito próximos, os autores os envolvem com reflexões sobre a vida social, política, econômica, por vezes de forma humorística, outras de modo mais sério, outras com um jeito poético e mágico que indica o pertencimento do gênero à literatura. (Amaral, 2008, p. 1)

Autores como Resende (apud Neiva, 2006) defendem a ampliação da noção de gênero a fim de se destruírem as hierarquias impostas e admitir-se que eles se

misturam e se rompem de suas próprias amarras. Sendo assim, mesmo que a crônica seja muitas vezes vista como híbrida, ela foge dos contextos dos quais participa. Na literatura, vista muitas vezes como gênero menor por, aparentemente, não abrigar a complexidade do romance ou o brilho das dramaturgias e poesias, carrega, contudo, a leveza e o fácil acesso necessários para que o leitor se sinta representado.

Antes de ser chamada de crônica e adotar esse tom poético despretensioso, foi folhetim, localizada nos rodapés dos jornais e tratando de questões políticas, artísticas, literárias e sociais. Ao longo do tempo, foi mudando, afastando-se da informação, do comentário, e aproximando-se da diversão (Candido, 2003, p. 15)

Os gêneros jornalísticos se constituem como unidades narrativas autônomas, mas a sua independência estética ainda não é plena, pois os discursos produzidos, geralmente, não ultrapassam a referencialidade jornalística e, portanto, não adquirem uma ampla carga de significados. A crônica foge desse contexto jornalístico pois detém grande riqueza semântica e linguística. (Neiva, 2006, p. 126).

Atualmente, a crônica é vista como gênero de prestígio ao recuperar marcas da oralidade em seu modo de ser escrita. Antônio Cândido (2003), em “A vida ao rés-do-chão”, explicita tal afirmação definindo-a como “humanização da melhor” (p. 16). Isso porque a maneira como a crônica é produzida, expõe a naturalidade e natureza do que é visto nas ruas, na cozinha de uma família, nos trâmites políticos, em comunhões religiosas, enfim, na construção cotidiana e, muitas vezes banalizada, de ser e fazer a vida acontecer. Talvez por isso o veículo que lhe dá abrigo é o jornal, concedendo-lhe um aspecto passageiro e transitório, efêmero, mas alinhado à sensibilidade, ao simples e breve ato de contar o que acontece em um lugar que os olhos não miram e a correria das tarefas invisibiliza. Esses aspectos conferem a ela o poder de rechaçar a ideia de que a seriedade é algo pesado e a leveza superficial. Consegue expressar assuntos sérios como se ali estivessem pessoas sentadas numa mesa de bar jogando conversa fora:

"[...] tudo é vida, tudo é motivo de experiência e reflexão, ou simplesmente de divertimento, de esquecimento momentâneo de nós mesmos a troco do sonho ou da piada que nos transporta ao mundo da imaginação" (Candido, 2003, p. 5).

Disposta em três grandes grupos por Heloísa Amaral (as poéticas, as humorísticas e as que se aproximam dos ensaios), a crônica utiliza às vezes de tom mais sério quando “analisam fatos políticos, sociais ou econômicos de grande importância cultural” (2008, p. 2). No jornalismo, conquistou seu espaço nas segundas páginas dos jornais e até mesmo em outras mídias, como a TV, rádio e as vastas possibilidades da Internet. O humorista Gregório Duvivier, além de ator, também escreve crônicas para o jornal Folha de S.Paulo. Como dito, Gregório é humorista, logo suas crônicas seguem um perfil satírico geralmente tratando de assuntos políticos. Seu programa Greg News no canal por assinatura HBO Brasil é um exemplo de como diferentes linguagens podem inspirar-se nas crônicas.

Com a internet, muitos escritores divulgam seus textos em redes sociais e até mesmo em outros formatos. Fabrício Carpinejar, poeta e cronista do jornal mineiro O Tempo, traz em seus escritos uma mistura do cotidiano, do acontecimento ou do sentimento escolhido para ser descrito com sua vida particular. Em vários textos, Carpinejar se coloca enquanto participante e traz pessoas próximas para compor o elenco, como sua mulher Beatriz, tias e amigas, como Angélica em “Os nós da nossa vida”. Ele também as “interpreta” em vídeos publicados em seu canal do Youtube e as publica em seu Instagram. “A última crônica”, de Fernando Sabino, é escrita na primeira pessoa e traz o narrador observando de longe uma reunião familiar num botequim. Diferente de “O homem nu” - no qual Fernando discorre sobre uma cena que pode ser julgada como trágica ou humorística em um texto que descreve o acontecimento através de diálogos intercalados de narrações que ambientam o local, momento e apresenta os personagens - “A última crônica” apenas narra tudo o que está sendo observado, sem interações orais ou diálogos dos personagens. Cronistas consagrados como Machado de Assis utilizava em seus textos a ironia, característica também marcante de se fazer crônicas. Outros como Paulo Mendes Campos e João do Rio são conhecidos por se expressarem através do lirismo.

1.2 TEMA

O candomblé é uma religião de culto à ancestralidade africana através de suas divindades. Cada divindade carrega em si o poder sobre um elemento natural. Em algumas nações, a divindade é o próprio elemento. O livro “O candomblé bem

explicado” (2015), de Odé Kileuy e Vera de Oxaguiã, explica que a palavra candomblé tem origem na nação Bantu, traduzida como “dança, batuque”. Para os autores, esta palavra se referia às “brincadeiras, festas, reuniões, festividades profanas e também divinas dos negros escravizados, nas senzalas, em seus momentos de folga” e mais tarde passou a denominar as liturgias trazidas pelos negros de sua terra natal. É comum escutarmos de bocas sem conhecimento e preconceituosas, que o candomblé é uma seita, o que o livro também explica:

A palavra seita define um grupo de dissidentes que se separou de uma religião em uma tentativa de criar outra religião. A seita caracteriza-se como uma facção minoritária das crenças predominantes e pela necessidade de mudar as doutrinas centrais da religião da qual se separou, assimilando simbolismos, liturgias, conceitos e dogmas de outras religiões variadas. Tentando, assim, conciliar, em um só segmento, várias doutrinas e diversos pensamentos. Isto porém não ocorre com o candomblé, pois ele é a continuação de uma religião iniciada na África, sem ter renegado seus fundamentos e doutrinas. (Kileuy; Oxaguiã, 2009, p. 29-30).

Desde o início, indígenas e africanos se uniram a partir de suas crenças para que suas tradições, culturas e interesses sociais e religiosos fossem resguardados e protegidos de seus opressores. Nesta comunhão cultural e religiosa, nasce o que viria a ser a umbanda, religião criada no Brasil a partir de saberes indígenas e africanos com os costumes religiosos europeus por meio do sincretismo com o catolicismo e o kardecismo. A ideia de religião, de religar o homem ao seu Deus, é vista dentro do candomblé como uma confraternização geral entre homens e suas divindades e delas com o homem. Ou seja, para as religiões de matriz africana, o homem nunca se separou de seus deuses e divindades.

A partir do século XVI até o século XIX, vários grupos étnico-culturais foram capturados e trazidos da África para o Brasil. Bantos, que vieram de regiões atualmente conhecidas como Angola, Congo, Guiné, Moçambique, Zaire; fons, de regiões como Benim, antigo Daomé; ewes do Togo; iorubás de cidades da atual Nigéria, como Ilexá, Oyó, Ketu, Abeokutá, Ekiti, Ondô, Ijexá, Egbá, Egbado; de Gana, como os os ashantis, os minas. Junto com eles, vieram uma pluralidade de diferentes culturas e cultos religiosos. Aqui, precisaram se reorganizar através do sincretismo devido a imposição de crenças e liturgias católicas. Ainda que possuíssem divindades semelhantes, cada nação trouxe consigo suas formas de cultivar o sagrado, mas com a separação de famílias inteiras, espalhadas pelo território brasileiro e sofrendo a catequização católica de seus algozes, esses povos

se reuniam e festejavam a representação da terra de todas as nações, a África-mãe (Kileuy; Oxaguiã, 2009, p. 34).

Outras várias nações foram trazidas para o Brasil durante o período de escravização, porém, em face do exposto, foram extintas, esquecidas e incorporadas às três principais que hoje conhecemos: bantu, iorubá e fon. As semelhanças entre as divindades da cultura africana são muitas, contudo, cada nação as cultua de uma maneira. A nação iorubá (ketu) chama suas divindades de orixás. O deus supremo é Olorum. Nos mitos iorubás, Olorum criou Oxalufon (Oxalufan) e deu-lhe a missão de criar o aye (terra) e também parte dos orixás. Oxalufan não conseguiu cumprir o que lhe foi designado por estar embebedado, assim, a missão da criação do aye foi passada para Odùdúwà, parte feminina de Oxalufan. Para os jeje (fon e ewe), as divindades são chamadas de Voduns, criados por Muwa. Já o povo bantu (angola), compreende suas divindades como Nkises e o Deus supremo e criador é chamado de Nzambi/Zambiapongo (Gaia; Vitória, 2021, 50).

Ao desembarcarem no Brasil, algumas mais cedo e outras mais tarde, as nações e, conseqüentemente as divindades, foram se misturando.

“No Brasil houve uma ‘nagoização’ - fruto da nagocracia, ou seja, do processo de hierarquização do saber religioso que tornou a cultura nagô forte referência no Brasil” (Slenes, 1992 apud Gaia; Vitória, 2021, p. 52).

Assim, o candomblé se mostra como um encontro de atividades não homogêneo, dividido em ramificações. Para o candomblé ketu, por exemplo, os orixás experienciaram na Terra todas as emoções e vivências possíveis, como o amor, a dor, a guerra, a doença, o choro. Seus mitos e histórias são contados através dos itans, que lhes dão características próprias e humanizadas. No candomblé jeje, compreendido através da mitologia fon, suas divindades, os Voduns, são associadas aos animais, podendo ou não ter vivido na Terra. Já para os bantus, o candomblé de angola, os Nkisis são os próprios elementos da natureza.

No ilê (casa/terreiro) do qual faço parte, há uma mistura de nações. Mãe Cíntia T’Naná (zeladora de orixá no Ilê Asé T’Naná, casa na qual sou filho), foi iniciada na nação Jeje-Mahi. Como dito anteriormente, os Jeje cultuam as divindades Voduns. Porém, dentro dessa nação há uma diversidade de cultos que

varia de povo para povo. “O culto [Jeje-Mahi] é demarcado pela justaposição dos Voduns de origem mundubi, aos de origem mahi, e também aos Orixás, de origem iorubana” (Ferreira, 2022, p. 14).

Comprovamos que o “princípio de agregação” se articula em dois níveis principais: 1) a justaposição do grupo mundubi com o grupo mahi e 2) a justaposição dos voduns jejes com os orixás nagôs. A primeira justaposição foi provavelmente resultado da reunião de especialistas religiosos de diversos grupos étnicos da área gbe, determinada pela necessidade de compartilhar os limitados recursos disponíveis durante o regime opressivo da escravidão. (Parés, 2007, p. 287 apud Ferreira, 2022, p. 14)

Assim, o Ilê Asé T’Naná firma-se em uma mistura de nações em que a sacerdotisa tem suas raízes na nação jeje (que tem forte influência iorubá) tendo como divindades os orixás. “Trata-se da entidade iorubá sobrepujar as referências Jeje - da religiosidade/ancestralidade devido a popularização do Candomblé Ketu” (Parés, 2018 apud Gaia; Vitória, 2021, p. 52). Porém, de acordo com a própria ialorixá, o ilê tem ramificações no Candomblé de Caboclo com angola (bantu). Essa encruzilhada de saberes é uma expressão do sincretismo que ocorreram e se perpetuam no Brasil sob a necessidade da criação de mecanismos que não deixassem resvalar os cultos afro-ameríndios nas mãos colonizadoras, seja na justaposição de nações ou na aglutinação de doutrinas católicas e kardecistas com ritos afro-diaspóricos, como vemos em alguns contextos da umbanda. De acordo com Reginaldo Prandi (2001), em “Candomblé de Caboclo em São Paulo”, o termo teria surgido na Bahia entre os adeptos do candomblé ketu para demarcar a diferença entre os candomblés. Fala ainda que “[...] raramente pode-se encontrar um Candomblé de Caboclo funcionando independentemente de um candomblé das outras nações” (Prandi, 2001, p. 3). Tal afirmação desenha o contexto em que o Ilê Asé T’Naná está inserido.

Ali são realizados os boris (ritual em que se alimenta o orí, a cabeça), os xirês (conjunto de danças e cerimônias para as entidades), entre tantos outros ritos que compõem um candomblé. Além da mistura de nações, o ilê do qual faço parte compõe ainda mais um adendo religioso ao incorporar também o culto a entidades da Umbanda, quando são feitas as giras (cerimônias) da umbanda, onde são chamadas as entidades para auxiliar a comunidade externa. Nas giras, ou toque de umbanda, são feitas sessões com pretos-velhos (comumente chamados de psicólogos dos pobres) que auxiliam com palavras de conforto, fazem a caridade

através dos seus cachimbos e ervas limpando o corpo e espírito dos consulentes. É nessa linha também, chamada de direita, que trabalham os caboclos, boiadeiros, marinheiros e erês (as crianças que trazem a doçura e inocência para a Terra). Na linha conhecida como esquerda, estão os exus, pombagiras, ciganos e malandros, que agem na força do amor, do material, da carne. Diferente do Orixás, Nkisis e Voduns, chamados de divindades³, estes são denominados entidades⁴. O contato com seres humanos também é diferente, no caso das divindades, é chamado de transe, enquanto com as entidades é incorporação.

O contato com o candomblé é, como diz Mãe Cintia T’Naná: “Deixar que a espiritualidade sempre dê o primeiro passo”. A forma como os aprendizados no candomblé são passados foge à forma sistemática de ensino conteudista ao qual estamos acostumados. Certa vez, em um atendimento com a preta velha Vovó Joana, ouvi que a espiritualidade é sutil, que os sinais dados vêm de formas singelas e muitas vezes não estamos atentos o suficiente para percebê-los.

Aprender no candomblé raramente envolve uma transmissão sistemática de conteúdos. Se atentar aos sonhos, à intuição, à dança, à música, saber cozinhar, saber ouvir, são questões muito importantes na prática educativa do candomblé. E não há o que se aprenda no candomblé sem que seja por ele afetado (Damasceno, 2017, p. 8-9).

Usando R. C. Póvoas como referências, Océlio Lima de Oliveira, em “O Léxico da Língua de Santo: a língua do povo de santo em terreiros de candomblé de Rio Branco, Acre” (Póvoas, 1989, p. 5 apud Oliveira, 2019, p. 23), o candomblé pode, à primeira vista, apresentar-se como uma sociedade simples. De fato, no sentido econômico e político, a religião carece de investimentos e reconhecimentos. Contudo, ao examinar um terreiro sob a ótica hierárquica, o vocabulário e os papéis que cada integrante deve desempenhar nesse espaço, o candomblé se faz complexo e cheio de pormenores que só podem ser apreendidos pela convivência e contato direto com os ritos e entre os adeptos (Póvoas, 1989, p. 5 apud Oliveira, 2019, p. 28). Por ser uma religião de segredos e fundamentos que só podem ser ensinados no tempo correto em que cada filho vive, e ter a oralidade como um dos principais pilares de aprendizado, partes da tradição foram esquecidas ou levadas junto com zeladores de santo ao fazerem a passagem⁵. Oliveira, citando Castillo

³ Representam forças da natureza, como os Orixás, Voduns e Nkises.

⁴ Representam espíritos desencarnados que se manifestam em terreiros para auxiliar os encarnados.

⁵ Falecer.

(2009), argumenta que, nos dias de hoje, ter apenas a oralidade como base de ensinamento pode ser um problema e que em alguns terreiros a escrita já é usada como forma de registro e repasse das tradições, resguardando os fundamentos da comunidade. Além disso, há uma mudança no público do candomblé, adeptos e simpatizantes⁶ têm conseguido acessar espaços como a universidade, fazendo com que esses fundamentos sejam transcritos em livros.

Sobre isso, Gaia e Vitória (2021) chamam a atenção logo no início de seu trabalho salientando que:

[...] é oportuno realizar duas considerações: (a) a necessidade do cuidado em não expor os segredos rituais, no caso de pesquisadores candomblecistas ou não; (b) as possíveis problemáticas ao apresentar certas informações apreendidas através de vivências e narrativas 'de dentro' dos terreiros, e, portanto, dificilmente encontradas em literaturas tidas por parte dos acadêmicos como 'clássicas'. Esse processo de não referenciamento poderá tornar os estudos 'menos científicos' à luz da academia ocidental (Gaia; Vitória, 2021, p. 49-50).

Por ser uma religião de sentidos, é importante que adeptos não se atenham a receitas. Além disso, como foi exposto anteriormente, o candomblé não é uma religião homogênea, sendo assim, cada casa tem seus fundamentos, suas formas de preparar a comida das divindades, o que não quer dizer que uma esteja certa e outra errada. É em contato com seu ilê, sentindo os aromas dos banhos, os sabores, ouvindo as melodias e ritmos dos atabaques que se aprende como deve se portar nos diferentes ritos.

Acreditamos que produzir textos opinativos que abordam experiências cotidianas em um terreiro de candomblé/umbanda é uma possibilidade de apresentar costumes e saberes ancestrais que resistem por séculos a tentativas de apagamento e criminalização. Utilizar as crônicas como produto é uma maneira de apresentar esse culto e suas complexidades socioculturais de forma acessível e próxima do cotidiano da sociedade, mostrando que a formação linguística, cultural e hierárquica da religião mantém ligações com o cotidiano da sociedade que tem em suas raízes diversos aprendizados ensinados de geração em geração por africanos e indígenas escravizados. Além disso, os textos têm como objetivo apresentar um lado pouco visibilizado do culto pois, apesar de considerar as fortes tentativas de depredação de terreiros, ao racismo religioso sofrido por seus adeptos, mostrar as

⁶ Pessoas que entraram para a comunidade de terreiro e aqueles que apenas visitam.

belezas e segurança oferecidas dos muros para dentro, é importante para tentar desvincular a imagem de religião do mal construída por anos através de preconceitos enraizados na escravização e catequização de africanos e indígenas.

CAPÍTULO 2

PROJETO O TOQUE DO ADJÁ

Este produto jornalístico é um conjunto de seis crônicas que mostram o cotidiano de uma casa de candomblé/umbanda localizada na cidade de Sete Lagoas, Minas Gerais. Os textos têm o objetivo de descrever e propor reflexões sobre o cotidiano, cultura, beleza e diversidade presentes dentro de um Ilê. A ideia é aproximar o leitor do cotidiano e ritos presentes em um ilê axé, ajudando a superar preconceitos e refletir sobre os saberes e experiências que essas práticas proporcionam.

É notória a demonização e tentativa de apagamento que as religiões de matriz africana sofreram ao longo da história e ainda sofrem. Diversos terreiros são atacados em todo o território brasileiro, bem como os adeptos da religião sofrem com o racismo religioso sendo agredidos por exercerem sua fé. De acordo com a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 5º, inciso VI: “é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”. Segue-se ainda sob os incisos VII e VIII: “é assegurada, nos termos da lei, a prestação de assistência religiosa nas entidades civis e militares de internação coletiva” e “ninguém será privado de direitos por motivo de crença religiosa ou de convicção filosófica ou política, salvo se as invocar para eximir-se de obrigação legal a todos imposta e recusar-se a cumprir prestação alternativa, fixada em lei”.

Este trabalho não ignora as violências e descaso a que a religião é submetida. Ainda nos dias de hoje, somos bombardeados com notícias de atentados a terreiros em que seus símbolos ritualísticos são quebrados e casas são queimadas com intuito de ameaçar os adeptos. Em outros casos, adeptos são violentados e têm a vida ceifada em nome de um preconceito histórico. Em 17 de agosto de 2023, a ialorixá e líder quilombola Maria Bernadete Pacífico, conhecida como Mãe Bernadete, foi assassinada na região do Quilombo Pitanga dos Palmares, em Simões Filho, região metropolitana de Salvador. O caso de Mãe Bernadete foi nacionalmente veiculado pela imprensa e, ainda que sua morte não tenha sido diretamente relacionada ao exercício de sua fé, a ialorixá é um exemplo do descuido do Estado em fazer valer suas leis, sobretudo as que asseguram a dignidade da cultura e comunidade de terreiro. Diversas vezes, o Ilê Asé T’Naná sofreu com a intolerância religiosa sendo alvo de pedradas que danificaram a estrutura da casa. Em outras ocasiões, os cultos foram interrompidos para atender à polícia militar que realizava averiguação no local através de denúncias anônimas.

Em todos os casos, o terreiro estava dentro da legalidade, realizando as giras em conformidade com o horário estabelecido por lei e com suas contribuições civis em dia.

Aqui, a proposta é deixar os infortúnios a que somos submetidos cotidianamente em segundo plano para apresentar ao leitor uma perspectiva positiva das vivências de terreiro através de crônicas que mostram e exaltam as belezas dentro da religião. A escolha do gênero opinativo reside na possibilidade de aproximação com o leitor através de experiências que podem ser acessadas em qualquer âmbito da vida cotidiana. Assim, o público pode se identificar com a configuração sociocultural de um terreiro, enxergando seus próprios passos em diálogo com as vivências descritas. Contribui ainda para a conscientização social em relação aos ritos de religiões afro-brasileiras. Além disso, convida para a reflexão de que a religião nada tem a ver com a demonização realizada por parte de uma sociedade baseada em crenças fundamentalistas e fanáticas.

O trabalho é composto por seis crônicas que abordam os temas: iniciação (feitura), assentamento, pretos velhos, as trocas entre adeptos, diversidade e dança.

O Toque do Adjá é o nome escolhido para o projeto. Nas religiões de matriz africana tudo é feito a partir do ritmo. O atabaque é que dita qual divindade ou entidade está sendo cultuada no dia e qual o momento do rito. O adjá é o instrumento utilizado para fazer contato com essas divindades e entidades. Sendo assim, a escolha do nome surge como uma comunicação simbólica para expressar o chamado para as reflexões propostas. Este instrumento é de extrema importância para o terreiro e pode ser manuseado apenas pela yalorixá/babalorixá, ekedis, ogãs ou pessoas que possuam cargo dentro do ilê, como a yakekerê (mãe pequena).

Em momentos de ritos internos como também na festa pública, as equedes sempre portam seus adjás, as sinetas rituais. Na festa pública o som do adjá tem a função de guiar, de conduzir o orixá durante a dança. O som do adjá, segundo ouvi de um pai-de-santo, é 'a música que fala aos deuses, para que eles nos ouçam e atendam nossos pedidos'. Tocar adjá é algo muito importante que só deve ser feito pelas equedes, ou pessoas da alta hierarquia do terreiro (Souza, 2008, p. 7).

As crônicas estarão hospedadas em um site criado na plataforma Wordpress com tamanhos em torno de duas páginas. Os temas escolhidos para elas são:

1 - Feitura

A iniciação no candomblé e as experiências contadas por alguns irmãos de santo durante o processo. Iniciar-se é como morrer para uma antiga vida, abandonar hábitos e renascer para o Orixá.

2 - Assentamentos

A ligação entre a divindade/entidade materializada e o cuidado que se deve ter com estes receptáculos.

3 - Vô/vó

Os psicólogos de terreiro; a ajuda de preto velho e suas palavras de conforto.

4 - Trocas

As conversas dentro da comunidade de terreiro; interpretação de sonhos; vivências semelhantes; “você é de quem?”.

5 - Diversidade

Refúgio para quem vive à margem; grande procura por lgfts; ensinamentos passados em gerações.

6 - Dança

As danças típicas dos Orixás e entidades.

2.1 Elaboração do produto

A produção do projeto O Toque do Adjá começou em fevereiro de 2023 com as leituras e elaboração do memorial. Para embasar as minhas escolhas, realizei pesquisas sobre gênero, sobretudo o opinativo e como ele se apresenta ao longo da história no jornalismo. Também realizei pesquisas sobre o tema proposto para embasar como se dão as vivências e os diversos elementos presentes no candomblé e umbanda. Além disso, contei com o auxílio de minha ialorixá e irmãos de santo que me ajudaram a entender melhor termos e a realidade do terreiro do qual faço parte, como a nação a qual estamos vinculados e autorização para citar nomes de pessoas e entidades.

Depois, parti para a produção das crônicas que se iniciaram em julho de 2023. Para isso, selecionei diversos temas e fiz uma triagem que fosse de encontro a um recorte melhor definido do que seria escrito. Os temas apareceram de forma bastante ampla no início e foi necessário revisar quais seriam de fato trabalhados. Alguns foram incorporados a outros por tratar de um mesmo assunto. Assim, busquei em meu repertório e vivências memórias que me ajudassem a construir os textos.

Apesar de as crônicas serem baseadas em minhas vivências e observações, as leituras de artigos acadêmicos, entrevistas, notícias e crônicas de diversos autores me auxiliaram a entender melhor como deveria elaborar os meus textos, mesclando observações do ambiente, das pessoas e somando experiências pessoais.

Uma parte essencial do trabalho foi a escolha da criação do site para hospedar as crônicas. Utilizando o Wordpress e contando com o auxílio de Alisson Oliveira e Gabriel Beltrão que disponibilizaram suas fotografias tiradas no Ilê Asê T’Naná, foi possível criar um ambiente de fácil acesso para o leitor.

Ao construir o site, definimos os objetivos da página visando o fácil acesso e leitura confortável. Além disso, com as fotografias de Alisson Oliveira e Gabriel Beltrão, buscamos ilustrar parte do que é contado nas crônicas. As imagens ajudam a dimensionar o espaço e símbolos citados no texto, localizando o leitor na história e apresentando as representações presentes no terreiro. O tema escolhido, denominado Photos, é intuitivo, o que facilita a navegação pelo site. Nele, os textos ficam hospedados em submenus e na página inicial, dispostos a partir do acesso mais recente, o que facilita a leitura por aparelhos móveis. A cor do tema serve como pano de fundo para o que é dito nos textos, buscando evidenciar o ambiente colorido, musical e alegre presente no ilê. O amarelo representa também uma importante orixá dentro da cultura de terreiro. Oxum é cultuada como mãe da fertilidade, senhora do ouro, dona das cachoeiras e rios que, assim como a comunicação, alcançam diversos espaços e geram confluências ao encontrar-se com outros cursos d’água.

O site, dividido em submenus, hospeda diversas fotografias que, além de servirem como exposição e ilustração dos diversos ambientes de um terreiro, desempenham a função de intermediar os submenus. As fotografias da página inicial correspondem, cada uma, a uma crônica. Em “Sobre”, dois caminhos são

possíveis para acessar a explicação do projeto, um pouco sobre o autor e o expediente. Primeiro, ao passar o mouse, os submenus aparecem para o leitor que pode escolher entre os três. Depois, caso o leitor clique em cima da palavra “Sobre”, será direcionado para um página contendo três fotografias com o nome dos três submenus. Além de ser mais um espaço de exposição dessas fotografias, essa configuração possibilita que a experiência com o site seja imersiva e não dificulte o acesso do leitor aos diversos caminhos possíveis. Ou seja, de um jeito ou de outro, o leitor conseguirá acessar as informações.

Cada fotografia apresenta um pouco do que está presente em um terreiro. A primeira fotografia, que acompanha a crônica “Entre o medo e a realização está o início”, é a representação do iaô em transe. Em seu corpo está o branco, os contra-egum e suas guias. Esta foto representa um iaô e seu orixá caminhando juntos. Representa essa nova vida que é descrita no texto e a presença do santo na vida do filho. A segunda, que abre a crônica “A troca que tudo movimentará”, mostra como o axé dentro de um terreiro fala sobre compartilhar. Essa comunhão é representada a partir das comidas oferecidas aos orixás, firmadas no chão do terreiro. Assim como os assentamentos, tema do texto, as comidas são preparadas, são cuidadas e desempenham um papel de materializar a energia da divindade. Em “Tá caindo flor”, crônica que apresenta um pouco sobre os pretos velhos, a imagem de uma filha de santo batendo cabeça em um ponto muito importante do terreiro. A fotografia representa o respeito pelo chão sagrado. O ponto cantado, que dá nome à crônica, pode ser representado também pelas flores presentes na fotografia. A fotografia de “Entrecruzados” é a representação dessa confluência de pessoas diversas que estão no terreiro, são alimentadas por ele e também o alimentam. As duas quartinhas, uma macho e outra fêmea, a canjica (alimento) sendo colocada pelas mãos da matriarca e a vela (energia/vida) representa todo esse cruzamento de pessoas e de símbolos que são necessários para a manutenção do axé. “Dança dos deuses” é uma crônica que apresenta os diversos tipos de dança presentes no terreiro. A foto do xaxará sobre o cesto de pipocas representa Omolu/Obaluaê, orixá muito citado na crônica e que teve sua dança bastante evidenciada. Além disso, a inclinação do cesto, os fios de pipoca e as pipocas caindo passam a sensação de movimento, presente no texto. O elemento presente na fotografia de “Fica, tem café” é o fogo. Aqui, este elemento representa aquilo que é necessário para se manter as relações quentes, representa também o aconchego presente no terreiro e nas

interações descritas no texto. Além disso, conversa diretamente com o título por ser um elemento necessário para fazer o café.

O menu “Sobre”, como dito, apresenta também mais três fotografias. A iaô fazendo suas rezas sobre a esteira mostra que um terreiro é um espaço de constante aprendizado. A esteira é o símbolo do contato com a terra, além de ser a mesa do iaô enquanto está de preceito. A mão com a faca representa o alimento à espiritualidade e a força vital do povo de terreiro: o axé. A partir da sacralização trocamos com o sagrado, alimentamos e fortalecemos as áreas necessárias. A pena é vista como um símbolo de conexão com a divindade além de ser utilizada em diversos ritos como a iniciação, boris, ebós, etc. Por fim, no submenu “Projeto” encontramos a foto que dialoga com tudo que foi criado. O adjá é um instrumento para comunicação com as divindades e entidades e dita momentos específicos dos ritos. Assim, a fotografia representa a comunicação, a evocação do sagrado, do humano, e de tudo que está proposto no trabalho.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto nasceu da vontade de lançar luz às belezas presentes na vivência do candomblé/umbanda. É evidente que ainda hoje as religiões de matriz africana sofrem com o preconceito e racismo religioso. Não é inoportuno que a sociedade discuta esse processo, herança de uma recente colonização, e denuncie as agressões a que terreiros e povo de santo são submetidos. Porém, é necessário também que as belezas e benefícios da religião sejam evidenciadas para agregar aos debates sobre tais vivências.

Este auxilia na reflexão sobre os ritos e saberes que permeiam um ambiente de terreiro. Também perpetuam saberes ancestrais e colocam em destaque uma cultura que é cotidianamente desprezada e colocada à margem da sociedade. Os textos de fácil acesso contribuem para que mais pessoas tenham contato com essa cultura e deixem de perpetuar estereótipos preconceituosos sobre o povo de santo e os territórios ancestrais. Contribui ainda com uma visão mais empática e acolhedora ao exaltar essa cultura que em nada se aproxima dos falsos moldes disseminados pela cultura ocidental.

Há um longo caminho a ser trilhado rumo à emancipação e inversão de pensamentos preconceituosos sobre as religiões de matriz africana. Mas a partir de passos como este, construímos uma estrada mais fértil para fazer florescer na sociedade pensamentos mais inclusivos e igualitários que possibilitam a plena liberdade de culto e a comunhão pacífica de diferentes culturas religiosas. A esperança é que este trabalho não sirva apenas como um instrumento de contemplação de olhares curiosos, mas contribua efetivamente para que mais pessoas conheçam esta cultura e reflitam sobre o que ela verdadeiramente representa. Em suma, espero que esta seja uma contribuição e convite ao combate contra a opressão de povos de terreiros e que cada vez mais trabalhos se debrucem sobre as belezas presentes na cultura afro-brasileira.

4 REFERÊNCIAS

AMARAL, Heloisa. Questão de gênero: O gênero textual crônica. **Revista na Ponta do Lápis**, 2008. <Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/1235/questao-de-genero-o-genero-textual-cronica>>. Acesso em: 07 mar. 2023.

BIBIANO, Karine Nathália Pereira. **Atravessamento: crônicas de uma pandemia**. 2022. Monografia (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana. 2022.

CAMPO, Pedro Celso. Gênero opinativo. **Observatório da Imprensa**, 2002. <<https://www.observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/gnero-opinativo/>>. Acesso em: 07 mar. 2023.

CANDIDO, Antonio. **A vida ao rés do chão**. São Paulo: Ática, 1981.

DAMASCENO, Luisa. **Linhas, Tramas e Caminhos: seguindo os movimentos de um candomblé do Recôncavo da Bahia**. 2017. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

FERREIRA, Leandro Tiago. **Estética, imaginário e saber afrodiaspórico: dimensões simbólicas do Candomblé Jeje-Mahi, no Terreiro T'Aziry Ladê**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso.

GAIA, Ronan da Silva Parreira; DA SILVA VITÓRIA, Alice. **Orixás, Inquices e Voduns: as nomenclaturas e etnias dos sagrados nos candomblés Ketu, Bantu e Jeje**. Revista Calundu, v. 5, n. 1, 2021.

KILEUY, Odé; DE OXAGUIÃ, Vera. **O candomblé bem explicado: Nações Bantu, Iorubá e Fon**. Pallas Editora, 2015.

LAGE, Nilson. **Teoria e Técnica de Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

MELO, J. M. de; ASSIS, F. de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 39, n. 1, 2016. Disponível em: <<https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/2354>>. Acesso em: 16 fev. 2023.

MENDES, Andrea. Candomblé Angola e o culto a caboclo: de como João da Pedra Preta se tornou o Rei Nagô. **Periferia**, v. 6, n. 2, p. 120-138, 2014.

NEIVA, Érica Michelline Cavalcante. A crônica no universo jornalístico e literário. **Contemporânea**, v. 4, n. 1, 2006. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/17170>>. Acesso em: 04 fev. 2023.

OLIVEIRA, Océlio Lima de. O Léxico da Língua de Santo: a língua do povo de santo em terreiros de candomblé de Rio Branco, Acre. **Rio Branco: Edufac**, 2019.

PARÉS, Luis Nicolau. **A formação do candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia**. Editora da UNICAMP, 2018.

PRANDI, Reginaldo; VALLADO, Armando; SOUZA, André Ricardo de. Candomblé de caboclo em São Paulo. **Encantaria brasileira. Rio de Janeiro: Pallas**, 2001.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. Por uma revisão conceitual do gênero crônica: entre a montanha e o rés do chão. **Anais ABRALIC Internacional**, Campina Grande: Realize Editora, 2013. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/4451>>. Acesso em: 21 fev. 2023.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos**: proposta de novos critérios de classificação. LabCom: Covilhã, 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. **Revisitando o pensamento jornalístico de José Marques de Melo**. In: Conferência proferida. 2011. Acesso em: 20 fev. 2023.

SOUZA, Patrícia Ricardo. A estética do candomblé. Fazendo axós, tecendo axé. **Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões (ABHR): Migrações e Imigrações das Religiões**, 10. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2008.

Entre o medo e a realização está o início

Iniciar-se em algo é sempre um momento de muita expectativa. No candomblé, costumamos dizer que iniciar-se para o santo é um ato de despedida da vida atual, uma morte simbólica de quem somos, para que uma nova vida possa nascer a partir da feitura. Falar, sem dúvida, é mais fácil do que a experiência em si. Não foram poucas as vezes que, ao conversar com irmãos de santo, ouvi deles a preocupação em conseguir se resguardar. Antes, para receber tamanha energia. Durante, para que todos os processos fossem respeitados e feitos, do início ao fim, com o mínimo de interferências humanas. Depois, outras questões. Quase as mesmas para todos. Como ficar três meses sem tantos hábitos adquiridos em anos e anos de interação com o que há de mais prazeroso nessa terra?

Quase sempre, senão sempre, os papos se findaram em uma mesma frase: “É orixá quem vai me dar força e é por ele que eu me coloco à prova”. Depois do roncó, da feitura, da morte e de um novo começo, tudo acontece. Às vezes, ocorre um deslize. Nada que os mais velhos não dêem um toque, uma chamadinha de atenção que, antes mesmo de se cumprir por completo, desperta o iaô. Uma cabeça que não está tão baixa, um filho que está extrapolando na conversa, um abian que, sem querer, por falta de atenção ou muito tempo afastado do terreiro, acaba encostando no renascido.

Iniciar-se não é fácil. Abandonar o velho, o costume, pede coragem e disposição. Frangos demais, frio demais, medo demais, expectativas, então, nem se fala. O mais difícil talvez seja guardar os segredos. Segurar as boas novas até que aconteça. Afinal, convenhamos que parte inerente do ser humano é a fofoca, no bom e mau sentido. O êxtase de contar os próximos passos, o acesso a algo que poucos sabem, a vontade de sair por aí em cochichos espalhando em primeira mão o furo que conseguiu, rompe com o juízo. E pode acabar em impulso, substantivo que não orna com a beleza de um terreiro. Com orgulho, e apesar da internet tentar me contrariar, às vezes conseguindo, digo que, no meu ilê, e em muitos ainda, os filhos entendem a importância de respeitar as descobertas que cada um faz seguindo o seu próprio caminho, em seu próprio tempo.

Respeitar o próprio tempo é tão importante quanto respeitar o tempo do outro. Não é do dia para a noite que um nascimento acontece. Antes, tem a gestação, o planejamento, provas outras que marcam o preparo e aprendizado de que os novos desafios serão ultrapassados. Antes de entrar para um quarto, dormir em uma esteira, é preciso entender que é ali que você quer estar. Mais do que ter vontade, é sentir que é ali o seu lugar. Nisso, todos os iniciados falam a mesma coisa: o processo é muito bom, muito melhor do que o próprio orí imaginava, e não que seja fácil. Aliás, se tem uma coisa que o povo de santo não faz é romantizar a religião.

É sim um universo lindo, colorido, cheiroso, saboroso e muito, muito musical. Mas não foram poucas as vezes que entre funções e giras, nas conversas que as antecedem ou depois, que muitos falaram e reafirmaram que a caminhada é difícil, que o medo bate, o cansaço desanima e o humano de cada um às vezes entristece. O mais bonito nisso tudo é voltar em uma próxima oportunidade e ver todos ali novamente, como se os desabafos fossem apenas desabafos, um momento terapêutico para continuar no propósito, pelo amor ao chão sagrado e às diversas concepções de bem e luz que ajudam quem ali está.

O que é notável, sem que ninguém precise explicar, é como todo início é um processo simples: vestes brancas, amuletos, banquinhos baixos - na maior parte do tempo o próprio chão - filé de frango, frango desfiado - cuidado com o osso - frango no almoço, frango no jantar. Nunca vi pessoas comerem frango repetidas vezes com a boca tão boa. Orixá sustenta. Os inícios são belos em tudo. O iaô em nada se diferencia de um bebê aprendendo a andar ou a falar. E aprender novas funções pede tempo, dedicação e paciência. Durante os três meses, aprendendo a lidar com a nova vida, a dizer não àquilo que até pouco parecia substancial (ou imprescindível, talvez?), mas com a certeza de que quer ficar.

Ouve-se a toda hora um: “Mãe, pode isso?”, “Mãe, pode aquilo?”. Às vezes são corajosos, se arriscam já com os olhinhos virados para a mãe como quem diz: “Se der errado, a senhora me socorre?”. Tem ainda o: “Mãe, e se eu fizer, o que acontece?” E mãe é mãe, né? No meio de tantos filhos, enxerga de longe aquela pestinha prestes a cair. Às vezes um grito resolve, às vezes só os búzios conseguem dizer como limpar um machucado.

O início, o renascimento, não é só daquele que ficou os sete dias em silêncio e terá mais três meses de alguns preceitos e um ano de outros. Que passou durante

uma semana por vários processos com os mais diferentes elementos da natureza em seu corpo, cabeça e espírito. Momentos estes sem plateia, sem olhares e energias de fora. Apenas a mãe, seu pejiã e a natureza na sua forma física e divina. Entre abians, borizados, ekedis, cambonos, ogãs, iaôs e tantas outras pessoas que fazem um candomblé acontecer, a ansiedade para que toda comida seja feita no tempo e forma correta, a emoção ao sentir nos passos das danças de uma lansã ou no canto suave de uma Oxum, o acalanto que precisava há tempos. Ou os olhos vidrados ao ver os arranjos de flores brancas na entrada do corredor com a esteira à frente da cadeira em que Nanã se sentará. Ou o tilintar calmo do Opaxorô de Oxalá, o corpo tremendo ao ouvir o tão aguardado ilá de Airá. Todos os mínimos detalhes de uma iniciação atravessam as paredes do ronco e tocam em cada filho e convidado que se faz presente no terreiro.

Realmente, iniciar-se não é fácil. Até chegar ao costume, se é que chega. Até aprender tudo o que precisa, sabendo que amanhã tem mais para ser aprendido e depois ensinado, tem que ter coragem, amor, chamado e vontade.

APÊNDICE B -Texto 2

A troca que tudo movimenta

Para o povo de santo, seja filho, simpatizante ou até mesmo os dirigentes e pessoas com cargos dentro dos ilês, parte crucial da ligação entre o sagrado e o humano são os assentamentos. Acredito que seja de conhecimento da maioria que as religiões de matriz africana, assim como os ritos indígenas, buscam nos elementos da natureza aquilo que fará de seus objetos as representações em terra das divindades e entidades. E é justamente esse o propósito dos assentamentos: reunir elementos específicos de determinada divindade ou entidade - escolhidos pela tradição ou a pedido deles - para materializar tais energias.

No terreiro, nas redes sociais, nas discussões e conversas sobre o sagrado, ouvimos a todo instante que orixá é vento. Também os exus, pombagiras, pretos-velhos, caboclos e toda a infinidade de energias que compõem os terreiros. Mesmo conhecendo-os como entidades e assim os denominando no cotidiano do congá, acredito que vento e energia são substantivos mais adequados. Eles não precisam estar em terra para sentirmos sua presença. Tampouco falar para ouvirmos seus conselhos. O simples toque no assentamento pode ser tão revelador quanto uma consulta em uma gira e tão acolhedor como um abraço das vovós e vovôs.

Esses objetos, sem dúvidas um ponto de força, mostram para nós, adeptos, questões que vão além das paredes do quarto de santo, de Exu ou até mesmo dos muros do terreiro. Claro, ali aprendemos que aquele alguidar com ferros, pedras, terras e símbolos representam a ligação do mais íntimo que temos ao escolher bater nossas mãos naquele chão em saudação e respeito. Mostram também que, a partir do momento que aceitamos fazer o que aqueles que escolheram nos ajudar e caminhar conosco pedem, estamos firmando uma parceria, quase um casamento em prol, principalmente, da nossa vida, do nosso bem-estar e das nossas projeções humanas e espirituais. Mas, muito além de entender sobre favorecimento e materialização energética, assentar quem nos guia fala muito sobre comprometimento e diálogo.

Já tive o privilégio de presenciar diversas pessoas, do mais novo, recém-chegado, ao mais velho de idade e de casa cuidando dos assentamentos de

seus guias. Percebi algo que sempre me falam dentro do terreiro, mas muitas vezes só faz sentido quando materializadas na nossa frente - o famoso “ver para crer” - ou um bom tempo depois de dito: “É a diferença que constrói um ilê”. Não à toa existe pluralidade até entre as divindades e entidades. A Maria Padilha de uma que se move e se veste totalmente diferente da que um outro carrega. A chegada de um caboclo e a dança dos orixás.

Uma pessoa em especial fica gravada em minha mente e sempre quando me preparo, desde a saída da minha casa até a chegada ao terreiro, para cuidar do assentamento da entidade que me guia, é a mesma senhora que me vem à cabeça. A mesma imagem dela sentada em um banquinho, devido a uma dificuldade em se sentar no chão, limpando as imagens do cruzeiro com o mesmo carinho e cuidado que uma mãe banha um recém-nascido. Mais bonita que esta imagem, são os pontos que ela, beirando o zero decibel, canta do início ao fim de sua tarefa. E nem sequer estou falando do cuidado com um assentamento propriamente dito, mas de imagens de pretos velhos, caboclos e erês que ficam numa casinha de pedra cheia de rosários pendurados logo na entrada do ilê. Muitos do terreiro dizem que essa calma, a paz que essa senhora exala em todos os feitos, é de seu ancestral, seu orixá Oxalá, o deus do branco, pai de todas as cabeças.

Outra filha da casa, bem diferente dessa primeira, e que encontrei em dia de cuidados com os assentamentos apenas uma vez, é mais enérgica. Tão linda quanto a primeira, de Oxalá, essa, de Oxumarê, canta mais alto, grita a saudação de um jeito que é possível não sobrar um cabelo deitado no corpo. Nas diferenças ou similaridades, o empenho em cuidar do que as move é o mesmo. A beleza em se desligar de tudo e todos de fora e até os próximos do terreiro para zelar por uma energia que as move, não apenas inspira, mas faz com que entendamos a importância de cada pedacinho de chão dali.

É muito comum, ao conhecer um terreiro de candomblé, sermos apresentados ao jogo de búzios. Além de várias outras utilidades, como saber sobre caminhos para emprego, relacionamentos, direcionamentos sobre o que fazemos de mal conosco, o jogo é o mensageiro de quem nos guia. É justamente através dele que um orixá ou entidade pode se manifestar para dizer se deseja e é necessário que seu filho faça um assentamento. Ou seja, materialize sua energia para que esta se torne mais forte e presente. Ali, na mesa preparada pela ialorixá ou babalorixá, entendemos qual o caminho e a necessidade de firmar uma energia naquela casa,

quais as características dessa energia e o que ela busca proporcionar para nós através do assentamento.

Feito isso e reunidos todos os elementos necessários e pedidos, particulares daquela energia, a mãe ou pai de santo monta o esqueleto da entidade e ensina ao filho os cuidados e compromissos que terá a partir de então. É preciso zelar e alimentar a energia ali contida. Não que ela precise, mas porque o filho ou adepto que a recebe tem compromisso de cuidar daqueles elementos como cuida diariamente de seu lar. Se energia é troca, se terreiro é pé no chão, acredito que não seria equívoco dizer que o assentamento é mão na massa e cabeça na reza, constantemente. Às vezes, nossos caminhos são tomados por curvas, idas e vindas. Na visão do candomblé isso é belo, é Exu, é movimento e é nele que as coisas são construídas. Pode ser, então, que um mês, ou dois, ou vários, não seja possível que estejamos dentro do terreiro para cuidar de quem cuida da gente, mas até aí aprendemos.

Quando assentei minha entidade, a primeira coisa que se passou pela minha cabeça foi: “Como vou cuidar dela a quilômetros de distância?”. Naquela época, quando tudo estava voltando o mais próximo do normal que conhecíamos, no início do fim da pandemia, as aulas da faculdade estavam para retornar ao modo presencial. Teria que me afastar da minha cidade natal e, conseqüentemente, me ausentar dos compromissos há pouco firmados com a casa de axé. Entendi que aqueles elementos não eram enfeites, mas um canal permanente de desabafo, conversas, pedidos e agradecimentos entre eu e ela. Ao me sentir aperreado por alguma coisa, mesmo à distância, era a imagem do assentamento que fixava na mente. Fazia minhas rezas, pedia soluções e principalmente, conversava sobre a situação em que me encontrava, sobre como era difícil o deslocamento, ainda que relativamente perto e rápido, entre as duas cidades. Nesses diálogos, entendi que nunca me faltaria força e coragem para terminar o que tinha que terminar, aonde quer que fosse. E era nesses diálogos que eu recebia a resposta de que o retorno era a certeza.

APÊNDICE C -Texto 3

Tá caindo flor

“Que Oxalá tire as palavras feias da boca de fio de vó”. Depois de me ajoelhar um tanto desajeitado e sem saber muito bem o que falar, pedir a benção e sentir a suavidade das mãos de vó Conga segurar as minhas, foi esta frase que ouvi. Confesso que levei um susto dos grandes e lembrei de cada palavreado que proferi naquele dia numa fração de segundos. Até ali, meu contato com vó Conga era de admiração e um pouco de medo também. Entre tantas e tantos vovós e vovôs, ela era a mais misteriosa.

Avó com mãos e patuá de cura, é a última a chegar em terra mesmo sendo a dona da casa, como chamamos as entidades da ialorixá. Vó Conga, antes mesmo de ser uma das entidades que segura a energia do ilê, colocou como missão para a sua médium ir até um outro terreiro muito conhecido de Sete Lagoas para “implantar a cura”, como conta mãe Cíntia. Esse episódio me marcou porque, a partir dele, entendi como os trabalhos dos pretos velhos na vida de seus “zinfins” passam por lugares desconhecidos. Mãe Cíntia já realizava seus trabalhos, não tinha compromisso com outras casas, mas a preta velha que a acompanha colocou em sua vida a tarefa de levar a cura para seus irmãos de fé.

Como toda entidade, os pretos velhos têm sua maneira de ser e se apresentar aos consulentes. Geralmente, quando chegam em terra, vêm curvados, passam as mãos no corpo do médium como uma mãe que banha o filho. Benzem aquele corpo, o local e cumprimentam, com sinal da cruz, os pontos de força do terreiro. A primeira vez que visitei o Ilê Asé T’Naná, fiquei deslumbrado pela maneira como outra preta velha, vó Tereza, se apresentava. Encurvada, quase enrolada em si mesma, ela se benzia ao mesmo tempo que girava em seu próprio eixo. Parecia uma dança, de tão sincronizada a maneira com que essa vovó balança os quadris e roda, enquanto movimentava os braços, limpando sua filha.

Essa maneira de se apresentar varia de entidade para entidade e, pelo o que já ouvi em trocas com irmãos de santo, também varia de médium para médium. Vó Conga, por exemplo, desce para realizar seus trabalhos de maneira suave, quase que imperceptível. Se nossos olhos não estiverem atentos à ialorixá quando os ogãs tocam para chegada de Conga, provavelmente não conseguimos entender como,

em fração de segundos, a mulher concentrada em seus filhos, que há pouco tinha nas mãos um adjá, se mostra com o semblante totalmente diferente. Não sei se é o arquétipo de vó ou os vários anos de feitura de mãe Cíntia, uma médium experiente, que confere à preta velha essa chegada suave. Muitas chegam tremendo o corpo do médium, outros se balançam até serem sentados no banquinho. Eu particularmente me deslumbro com todos. Mas vó Conga sempre me chamou a atenção. Ainda que se curve, característica quase unânime entre essas lindas entidades, ela mantém o corpo de sua filha levemente inclinado. Às vezes tenho a impressão de que forma um ângulo exato de 120 graus. De passos extraordinariamente calmos, com uma vela acesa entre os dedos do pé, demonstra uma firmeza que é capaz de deixar o maior dos medrosos confiante. Suas palavras, como demonstrei no início, são certeiras. Diferente de vó Tereza, vó Maria de Aruanda ou vó Joana, pretas velhas que durante esse percurso me ajudaram a melhorar a maneira como me relaciono comigo mesmo e até mostrar caminhos mais sadios do que os que eu andava em um passado recente, vó Conga consegue ser direta e firme sem perder a brandura.

Certa vez, questionei a vovó Joana sobre alguns medos meus e de meus familiares em relação a uma pessoa. Assustados com alguns acontecimentos, colocamos em nossas cabeças que essa pessoa seria nossa inimiga e que precisávamos tomar alguma atitude. A expectativa humana era de receber da avó um direcionamento do que fazer, de uma ação no plano físico que poderia resolver a situação. Pensava em afastamento, em tirar satisfação, em confrontar a pessoa. Magoado pela situação, não lembrava do que os conselhos de diversos outros pretos velhos diziam, dos ensinamentos sobre humildade, paciência e fé que eles sempre reforçaram comigo. Vó Joana, com palavras espaçadas, me direcionou para o melhor possível: reze, perdoe e foque em você. Mais uma vez, uma preta velha me mostrou que o único que pode fazer algo mudar em minha vida sou eu mesmo.

Foi assim também com vó Tereza, há alguns anos, quando reclamei da dificuldade financeira e pedi que me ajudasse, que abrisse meus caminhos para conseguir um emprego. Mais enérgica que as outras, vó chamou minha atenção, disse que meus caminhos eram lindos, puxou um ponto que diz “está caindo flor, está caindo flor, lá do céu, cai na terra, ai, meu Deus, está caindo flor” e continuou o sermão: “Fi é mais teimoso que um cachorro, essa teimosia não deixa ele ver as coisas boas que tá na frente. Também não adianta esperar que a espiritualidade

faça tudo, sua parte tem que ser feita. Fi tem que correr atrás”. O problema não era a falta de oportunidade, mas o meu comodismo e insegurança que não me deixavam perceber as várias vagas de emprego que chegavam no meu email ou, quando via, a falta de confiança em me candidatar para algumas.

Foi ajoelhando-me aos pés dos pretos velhos, sendo descarregado pela fumaça de seus cachimbos e benzido com seus rosários e ervas, que percebi e acolhi meus defeitos, admirei minhas qualidades e aprendi que a humildade não é me silenciar, mas saber opinar e debater sendo responsável com as minhas dores e as dos outros. Vovó me mostrou que paciência não é esperar o caminho ser feito, mas ser respeitoso com o tamanho dos meus passos. Seus ensinamentos têm o poder de mudar toda uma vida, de transmutar pensamentos e hábitos que para mim eram postos, era meu jeito e não existia possibilidade de mudança. Aqui, parece que tudo aconteceu do dia para a noite, mas foram meses para observar que eu estava mudando. Foi muito tempo para reparar que as tais “palavras feias” não faziam mais parte do meu vocabulário. Mesmo entendendo o que vó Conga disse naquela consulta, não tinha a pretensão de abandonar essa mania, acreditava que fazia parte do meu jeito explosivo e estressado, saía sem eu perceber, fazia parte também do jeito jovem.

Não acredito que seja à toa que chamamos os pretos velhos de avós. Como os tratamos e como somos cuidados de volta por eles, além de representar a sabedoria, paciência e a ancestralidade dessas entidades, retrata o cuidado singular de avós com netos. São muitos os relatos familiares em que mães reclamam dos avós por tratarem os netos com alguma condescendência. Ou que o tratamento com os filhos foi mais rígido em comparação com a forma protetora e livre dos avós lidarem com a terceira geração. Assim como tantas avós e avôs, os pretos velhos ensinam que o tempo não pode ser apressado, que a paciência é virtude de quem tem propósito e ainda que erramos, esse peso pode ser colocado em um lugar de revolta ou aprendizado.

APÊNDICE D -Texto 4

Entrecruzados

Um terreiro é uma encruzilhada de possibilidades sem ponto fixo de partida ou chegada. Tudo acontece à medida que caminhamos juntos, com propósitos em comum ou não. Por mais que o espaço seja compartilhado, a direção que seguimos e os motivos pelos quais estamos ali nem sempre são. Às vezes até se parecem, uma história ou outra se cruza em algum momento, mas a pluralidade presente nesse território ancestral é tão vasta quanto as próprias idas e vindas da vida. São diversos os caminhos que nos levam ao sagrado e a uma casa de axé. Uma irmã de santo, por exemplo, chegou ao ilê depois de caminhar por diversos outros. Tem gente que chegou, partiu, voltou, se distanciou, voltou de novo. De modo geral, aquele espaço é, com certeza, o ponto de encontro. Ali, construímos laços, trocamos afetos, axé, aprendemos a lidar com o diferente e, a todo momento, nossas crenças são colocadas à prova.

Absolutismos não cabem dentro de um ilê. Imagino ser algo ruim na vida. No terreiro, talvez pior. Ninguém aprende se não estiver disposto a mudar, afinal, depois que se aprende a enrolar um acaçá, a folha da bananeira ganha outra serventia, além da de fazer parte da árvore. Ao retirar o fel de um frango, o sabor da carne ganha outro significado. Se não fosse esse aprendizado, estaria comendo uma carne amarga. Os símbolos de terreiro são vastos e complexos. A diversidade mora em cada canto, desde o quartinho de Exu ao de troca de roupas. Desde as cores de um banquete a orixá à forma como cada pessoa pisa no chão sagrado.

Em dias mais quentes é comum ver alguns irmãos de santo deitados no chão fresco, recém lavado, do salão. O cimento queimado, apesar de duro, parece abraçar o corpo quente e agitado em função. A fonte de Oxum ajuda ainda mais nessa calmaria. A água escorrendo lentamente, pingando e respingando no ar refresca e acalanta o orí agitado. Nesse tempo, em que alguns descansam para daqui a pouco retornar ao trabalho, é possível perceber como são diversas as presenças que lotam o terreiro. Por mais que seja um momento de quase repouso para alguns, o movimento ainda se faz presente. É possível sentir isso através dos passos agitados e secos de alguns. Geralmente sabe-se quem é o dono. O contrário também ocorre com aqueles que, de tão sutis, confundem em qual direção

está. Muitas vezes percebemos um filho na cozinha e, no momento seguinte, ao precisar conversar, tirar alguma dúvida ou entregar algum objeto, nos perdemos da pessoa que, delicadamente, está na outra ponta do ambiente. Todo esse movimento é difícil de acompanhar. Até mesmo com os visitantes, é possível se perder. Em uma hora está sentado, esperando seu momento de intimidade com as divindades e entidades. Basta uma rodada no salão para todo o ambiente mudar, como se as pessoas trocassem de lugar, sumissem aos olhos que precisaram se desviar por poucos minutos para realizar outra tarefa.

As cores presentes no terreiro ilustram perfeitamente toda essa diversidade. Em fevereiro, tudo é azul: os panos de decoração, os orixás vestidos, as velas. A cor do mar se sobressai ainda mais quando, no barco de lemanjá, a ialorixá espalha areia pelo chão. Em maio, mês das vovós e vovôs, o ilê é tomado por xadrez preto e branco e cheiro de erva queimando nos cachimbos. Agosto traz o creme das palhas e um arco-íris de cores com as diversas comidas dedicadas aos orixás no banquete para Omolu. Em novembro, tudo fica à meia luz avermelhada, o cheiro de pimenta passeia pelo ambiente e as fitas pretas e vermelhas mostram que é hora de louvar e agradecer aos donos dos caminhos pelo ano que está se encerrando. Das cores aos cheiros, dos sabores aos sons, do andar ao falar, tudo ali é movimento, mistura-se pela diferença e se encontra nas similaridades. A matriarca costuma dizer que todos que chegam na casa estão, de alguma forma, interligados desde antes. Não desacredito. Muitas e muitas vezes escuta-se de um irmão de santo coisas que nem o mais íntimo familiar saberia falar sobre nós mesmos. Essas conversas costumam desmontar certezas que imaginávamos nunca abandonar. Da mesma forma, cria-se hábitos que jamais pensávamos ter.

O terreiro é um espaço que transcende a religião. As práticas adotadas em um espaço de terreiro, os ensinamentos, os simbolismos, os cantos, danças, comidas, conversas, andares, palmas, todos os elementos compõem esse território que é prática ancestral e viva. Sem a diferença e o diverso, não é possível existir terreiro, porque se não for feito por muitos, um só não é suficiente. Apesar de hierárquicas, as práticas de terreiro não são centralizadas. Tudo é feito em comunidade, com interdependência, apoio e afeto. São os diferentes caminhos que, ao se encontrarem dentro de um ilê, transformam os elementos, nutrem os corpos e espíritos que ali estão. Em uma gira, seja de exu, pombagira ou preto velho ou em um toque de candomblé, uma festa ou banquete para orixá, a corrente feita com os

presentes é de extrema importância para a manutenção dos trabalhos realizados. Não raro escutamos alguém dizer: “É importante que os médiuns se concentrem e que a assistência faça silêncio para que todos saiam daqui com o que veio buscar”. Terreiro é uma comunidade e não é possível zelar por uma sem acolhimento. É preciso deixar-se afetar pelo outro e entender o seu lugar enquanto afeto dele também. Não à toa a religião é descrita como afro-brasileira ou de matriz africana, afinal “se quiser ir rápido, vá sozinho. Se quiser ir longe, vá acompanhado”, diz um famoso provérbio africano.

APÊNDICE E - Texto 5

Dança dos deuses

A dança no candomblé é a materialização da comunicação entre orixá e o adepto. A partir dela, a divindade se mostra presente, apresenta sua identidade e a ligação contínua com a natureza. Para além de um aspecto estético, a dança no candomblé simboliza, também, a personalidade de cada orixá. Seja o balançar das mãos de Oxum, representando o movimento das águas ou o frenesi do vento de Oyá. Em cada passo estão os pedidos e agradecimentos daqueles que participam do xirê, a roda formada para a evocação das divindades. São esses movimentos que limpam o terreiro, que dispersam energias negativas e trazem o bem para quem participa.

É sabido que o ritmo sempre foi um ingrediente importante dentro de um ilê. Além de ter efeitos espirituais, é impossível não se emocionar com a beleza presente nas danças. A cada novo iniciado, toda a comunidade de terreiro é presenteada com a presença avassaladora dos orixás que cantam seus ilás, abraçam seus devotos e rodam no salão. Ao final do candomblé, ficamos todos maravilhados com o que acabamos de ver e falando sobre o ritual como crianças frente a uma descoberta. Nos divertimos com as diferenças de personalidade e até mesmo entonação entre nossos irmãos de santo e seus ancestrais. Quando o xirê é de algum orixá como Iansã e Oxóssi, nos maravilhamos com o pé de dança rápido. Ficamos todos encantados com a força e rapidez dessas divindades ao rodarem o salão, colocando a mãe de santo em apuros para acompanhá-los.

Devemos estar sempre em postura de reverência frente ao orixá. Essas divindades não devem ser olhadas diretamente, isso demonstra o respeito e adoração que temos por eles. Mas sendo o candomblé uma religião recheada de simbolismos, sempre belos e coloridos, é quase impossível não dar uma espiada e sanar a curiosidade de ver um ancestral em terra mostrando toda a sua força e exuberância. Quando dança, o orixá não apenas se movimenta em passos ritmados, mas oferece um mundo de significados. Mesmo sem entender todos, temos a certeza de que ali está a representação de uma força vital que orienta nossos caminhos.

Ao rodar no salão, essas divindades nos mostram que o humano é algo belo e deve ser admirado. Existe toda uma cadeia de personificação do que é ser humano naqueles passos. Nos deparamos com a sensualidade, com a força, com a calma, com a morte e a vida, tudo em um mesmo lugar, quase ao mesmo tempo. A cada movimento que o ogã faz com as mãos, em todo encontro das palmas com o couro do atabaque, um novo movimento surge, repete e se multiplica em infinitas formas. Observar um Orixá dançando é sentir que tudo está em transformação. Esse sentimento parece ser ainda mais latente quando acompanhamos toda a passagem de seu descendente. A forma como vinha quando abian, como se porta após o borí e o novo status, postura e movimentos que ganha após a feitura. Aí, percebe-se o movimento da vida bem diante dos olhos. Como se a cada passo dado, a cada novo degrau, fosse possível ver todas as memórias.

Difícil dizer qual a dança mais bonita. Alguns em particular me emocionam mais. Iansã tem um balanço agressivamente sensual que me deixa atônito sempre que vejo. Parece balançar tudo o que está em volta. De certo, alguns arquétipos dessas divindades, ao serem popularizados, tornaram-se estereótipos que considero uma ofensa frente a uma gama enorme de significados. É reduzir um universo inteiro em fragmentos desconexos. Oyá, quando dança, não é apenas uma mulher guerreira, é a própria ventania que leva o que não precisamos mais e traz o necessário para a renovação. Balança todas as copas e faz com que as folhas velhas caiam para dar lugar ao novo verde. Assim o faz Oxum que, no balançar das mãos, movimenta o rio adormecido e limpa as rochas incrustadas. Renova a água há tempos parada e traz o movimento necessário para continuarmos a caminhar. Em suas danças, os orixás nos dizem que a vida só acontece no movimento, que o caminho só se faz andando e, como Oxalá, às vezes é necessário acalmar os passos, observar a paisagem para entender para onde vamos. Ou o contrário, como Oxóssi e Iansã, que pedem rapidez. O corpo vai abrupto diversas vezes para frente, para trás e para os lados. Como se fugisse e ao mesmo tempo retornasse. Em sua caçada, Odé sabe o exato momento de recuar e quando retornar sua busca.

Ainda que seja difícil elencar a mais bela dança de todas, uma em especial me tira o fôlego. Talvez porque seu ritmo é quase um suspense. Não se sabe o exato momento em que Omolu e Obaluaê repousarão novamente suas palhas. Ou quando será o próximo sopro vindo do atabaque. Ele dança devagar e ritmado. Seus passos contados em cada toque dado no tambor elevam o corpo em transe,

levanta delicadamente um braço para direita que forma uma meia lua e repousa na coxa direita do corpo. O pé direito acompanha o lado da dança e num pulo suave repousa também. Novamente, para a esquerda, o pé se levanta, o braço sobe, desce, repousa e o corpo pula. Enquanto isso, suas palhas balançam e sopram uma leve brisa de cura. Sentir sua presença estremece até mesmo os reis e rainhas. Sua força e seu poder são mistérios que, guardados em seu nome, não devem ser decifrados. Sua dança lenta e ritmada espanta os males do corpo e da alma. Filho da terra, rei dos espíritos da terra. Senhor do sol do meio dia. Atotô.

APÊNDICE F - Texto 6

Fica, tem café

Uma casa de axé é, assim como Exu, orixá do movimento, da comunicação, dos prazeres, um entra e sai a todo instante. Dias de festa, então, nem é possível mensurar quantos diálogos se constroem e dissipam dentro da cozinha ou no portão do terreiro, enquanto tiramos - quando, e se dá - um tempinho para tomar um café, fumar um cigarro ou apenas descansar as pernas. O falatório é constante e atravessado. Ao mesmo tempo em que perguntamos à yabassé sobre a forma correta do preparo de determinada comida ou se as panelas que vão se amontoando na pia já podem ser lavadas, estamos, paralelamente, contando de sonhos, lembrando de giras, passando recados. Decerto, essas trocas são valiosas e estamos sempre atentos aos ensinamentos passados, mesmo sem a pessoa saber que aquelas palavras podem reverberar por semanas na cabeça de quem ouviu. Quando é um mais velho, aí é que escutamos mesmo. Às vezes paramos o que estamos fazendo, sentamos e tomamos nota de uma história que, à primeira vista, parece despreziosa ou só um episódio corriqueiro. O ilê é um espaço socializador de mão cheia. Não tem muito espaço para vergonha, insegurança, timidez. As falas são altas, bem dirigidas e projetadas como se as pessoas ali tivessem preparo vocal há anos.

Quando se chega em um ilê, coloca-se o pano da costa, bate-se paô, tira-se os chinelos, saúda-se o chão sagrado e depois de ser abençoado pela mãe e irmãos de santo, a direção é a cozinha, para procurar o que fazer. Se não há espaço para a timidez, a preguiça, então, sequer passa do portão para dentro. Serviço não falta. Sabe casa de vó no almoço de domingo? Família reunida, um acende a churrasqueira, outro pega tomate, alguém vai na cebola, outro no pimentão e começa a preparar o vinagrete? Alguém está se ocupando do arroz no fogão, enquanto o outro vai lavando as vasilhas sujas? É mais ou menos por aí. No terreiro, temos a mãe da cozinha. Depois da mãe de santo, a yabassé é quem pega a direção e guia quem está à bordo para no final do dia as comidas estarem aos pés de orixá e a farofa de Exu estar bem temperada. No churrasco, a intenção é se divertir, brincar, falar sem pensar muito. A cozinha do ilê tem como propósito primordial servir ao sagrado, agradecer e pedir pelo amor próprio enquanto se

prepara o quindim de Oxum. Isso não quer dizer que ali, em meio ao suor, mãos sujas e corre-corre, não nos divertimos.

Outro dia vi nas redes sociais um babalorixá baiano que havia sido advertido sobre se sobrecarregar com os afazeres do ilê e não se distrair com outras coisas. Sem se alongar demais, o pai de santo disse que sua diversão está, sobretudo, dentro da sua casa de axé. A seriedade com que ele leva seu ofício não o impede de rir com seus filhos. Parei e fiquei um bom tempo lembrando de quantas vezes eu, a yabassé e meus irmãos de santo chegamos ao fim do dia exaustos de tanto cozinhar, limpar e enfeitar o terreiro. À medida que ia pensando no cansaço, lembrava que este vinha apenas quando deveria vir: no fim do dia, de banho tomado e pronto para dormir. O percurso até este momento foi recheado de risadas, de brincadeiras e gozações. Enquanto estávamos dois ou três na pia, lavando e secando as panelas, trocávamos ideias das mais diversas possíveis. Não foram poucas as vezes que insights nasceram desses momentos a partir da fala de alguém. “Legal esse trabalho. Se você fizer assim ficaria ainda melhor”. Na mesma medida, conversando sobre as seriedades da vida, olha-se ao redor e percebe-se todos rindo com uma irmã que jogou sabão demais no chão e agora estava há tempos jogando e puxando a água da cozinha. “Vou falar para mãe cobrar o sabão de você, viu?”.

As trocas que se dão no terreiro são aprendizados que caminham em diversas direções ao mesmo tempo. Além de aprender as histórias por trás de cada comida dos orixás, o porquê de em agosto festejar o Olubajé ou como é feito o percurso dentro de um ilê, temos a oportunidade de refletir sobre os próprios caminhos que seguimos e quais as outras possibilidades que estão, muitas vezes, invisíveis aos nossos olhos. Na troca, a possibilidade de se reinventar pulsa em frações pequenas de tempo. Basta estar atento às falas do irmãozinho que está enrolando o acaçá junto contigo, ao sonho que uma ekedi teve na noite anterior e surpreendentemente diz muito sobre o momento em que estamos na vida. Em dez minutos de conversa com alguém, enquanto o cigarro queima, sentados na calçada do terreiro, percebe-se que a agonia de um mês é passageira e é só olhar para o outro lado da rua que uma nova perspectiva é acessada. O tato social vai se construindo lentamente durante os encontros, observando quando é o tempo de brincar, entendendo que se uma comida está sendo cozida para um orixá, é momento de silêncio, de fixar os pensamentos em agradecimento e reverência

àquilo que acreditamos. O movimento de Exu que nos acompanha, se mostra nítido naquele vai e vem de pessoas dentro de poucos metros quadrados. A cozinha de um ilê é a materialização da comunicação humana e divina, de acordos silenciosos aprendidos com o tempo sobre como se portar diante de situações das mais diversas. É cuidar do sagrado e ser cuidado. “Irmão, trouxe bolo para a gente tomar café”. Brincamos que a energia é tão grande dentro do terreiro, que a todo momento precisamos nos abastecer. Pode chegar junto, pegar seu prato e se servir.

Uma casa de axé, assim como orixá, é viva. O fogo do fogão à lenha. O som dos passos apressados indo buscar tocos para mantê-lo aceso. O dendê quente que vai soltando fumaça e desencadeia uma orquestra de tosses. As vozes transpassadas entre o que lava, o que seca e o que pergunta se a função está sendo feita corretamente. O brado quando alguém está parado com tantos afazeres. A água batendo no chão sendo limpo, as dúvidas sendo retiradas, as saudações no quarto de Exu, o paô pedindo licença para entrar na casa, o silêncio em respeito ao preparo. Um ilê axé é vivo e quente como cada veia de quem se propõe a ajudar, como cada voz que reverbera, como o ilá de Xangô. Ao mesmo tempo, depois de tudo pronto e limpo, se torna calmo e sereno como o balançar de Oxum ninando seus filhos.

GLOSSÁRIO

Abian = filho de santo que acabou de entrar para a religião e pode ser chamado também de filho de santo.

Acaçá = é uma comida sagrada feita com milho branco e oferecida a Oxalá.

Adjá = instrumento utilizado para fazer contato com as divindades e entidades.

Alguidar = recipiente comumente feito de barro utilizado para diversas finalidades dentro do terreiro como colocar oferendas e utilizar para limpar outros objetos.

Assentamentos = é um conjunto de objetos que simbolizam a materialização da energia de divindades e entidades no plano físico.

Atotô = saudação ao Orixá Omolu/Obaluaê.

Axé = na língua iorubá, significa poder, energia ou força presentes em cada ser ou em cada coisa. Nas religiões afro-brasileiras, o termo representa a energia sagrada dos orixás.

Aye = Terra.

Babalorixá = pai de santo.

Bori = oferenda à cabeça.

Borizado = filho de santo que passou pelo ritual de bori.

Búzios = oráculo sagrado.

Cambonos = médiuns que não incorporam e ajudam a cuidar de médiuns que incorporam e de suas entidades.

Congá = espaço sagrado onde ocorrem as cerimônias e rituais.

Contra egum = amuleto de proteção confeccionado em palha da costa e utilizado no braço do indivíduo no intuito de afastar as más influências e os maus espíritos.

Ebó = oferenda, sacrifício ou troca de elementos com os Orixás com o objetivo de transformar ou equilibrar dificuldades, seja na saúde, trabalho, família, amor, justiça ou em outras situações da vida.

Ekeki = cargo feminino escolhida e confirmada pelo orixá do terreiro para ser a zeladora do orixá.

Feitura = ritual de iniciação.

Giras = momentos em que são chamadas as entidades através da incorporação para festas, trabalhos ou desenvolvimento.

Guia = fios de conta utilizados pelos filhos de santo e que representam suas entidades espirituais (divindades e entidades). Também podem ser feitas com a

finalidade de proteger. Guia pode ser usada também para denominar as entidades espirituais.

lalorixá = mãe de santo.

laô = filhos de santo que já passaram pela iniciação/feitura.

Igbá = assentamento de orixá

Ilá = som, ruído, brado ou palavras ditas pelos orixás.

Ilê = casa.

Itans = história

Odé = caçador, uma das designações de Oxóssi

Ogã = homem responsável por diversas funções dentro do terreiro como manutenções escolhido e confirmado por orixá. É também responsável por tocar os atabaques.

Olubajé = cerimônia em homenagem a Omolu/Obaluaê.

Orí = cabeça.

Opaxorô = ferramenta de Oxalá que simboliza a criação do mundo.

Oyá = lansã.

Paô = uma sequência rítmica de palmas utilizada nos agradecimentos e saudações.

Patuá = amuleto ou ferramenta.

Pontos = denomina tanto as músicas cantadas em louvor às divindades e entidades quanto desenhos específicos que representam as entidades.

Pejigã = primeiro ogã da hierarquia. É o braço direito da mãe ou pai de santo.

Preceito = restrições no preparo de comidas e em hábitos diversos.

Quartinhas = representação das divindades e entidades em terra.

Roncó = quarto sagrado onde ficam recolhidos os iniciados.

Xaxará = ferramenta de Omolu/Obaluaê usada para espalhar e limpar as doenças do mundo.

Xirê = roda, ou dança para a evocação dos Orixás.

Yabassé = responsável pela preparação dos alimentos sagrados.

Yakekerê = mãe pequena.